Não obstante a entusiástica aclamação, por parte da crítica internacional, ao filme "Nomadland" (2020, de Chloé Zhao) – que culminou no recebimento do Leão de Ouro no Festival de Cinema de Veneza e nos prêmios Oscar de Melhor Filme, Melhor Direção e Melhor Atriz, entre tantas outras láureas –, foi reclamado que este longa-metragem registraria de maneira condescendente a estafante rotina de trabalho na empresa Amazon. Em certa medida, procede: o filme não se posiciona de forma ostensiva contra esse tipo de exploração do proletariado, mas talvez isso se deva às suas escolhas narrativas. Ele coloca-se radicalmente ao lado da protagonista: os subempregos aparecem como financiamentos eventuais de um estilo de vida marcado pela recusa dos acúmulos desnecessários…

Estas observações ficam ainda mais evidentes num segundo contato com o filme: quando o assistimos pela primeira vez, deslumbramo-nos perante os flertes documentais na direção de Chloé Zhao – que já servira-se dessa técnica em obras anteriores – e encantamo-nos com a impressionante entrega actancial de Frances McDormand, além do acompanhamento intimista da trilha musical de Ludovico Einaudi. Porém, a despeito do extremo realismo do filme, o registro é sobremaneira ficcional. Trata-se, aliás, de uma adaptação mui respeitosa do livro homônimo de Jessica Bruder, cujo subtítulo é "Surviving America in the Twenty-First Century" [ou seja, "Sobrevivendo aos Estados Unidos da América no Século XXI"].

Na revisão, presta-se mais atenção aos indícios espaço-temporais que associam o filme à contigüidade imediata em relação ao letreiro inicial, quando fala-se da extinção de um código postal correspondente a uma empresa de mineração que fechou na cidade de Empire, Estado de Nevada, onde vivia a protagonista. Com isso, a crise financeira que eclodiu em 2008 atingiu uma de suas mais graves demonstrações, de modo que vários dos nômades que interpretam a si mesmos no filme passaram por experiências semelhantes de falência, adoecimento e/ou luto.

Em dado momento, a personagem principal, de nome Fern, perambula solitária por uma das cidades que visita e passa diante de um cinema onde está sendo exibido "Os Vingadores – The Avengers" (2012, de Joss Whedon), o que possui o caráter de "piada interna" para os cinéfilos, visto que o próximo projeto da diretora Chloé Zhao é justamente um filme relacionado ao universo dos quadrinhos da Marvel: "Os Eternos", programado para ser lançado no final de 2021…

Se existe algo em "Nomadland" que talvez mereça a alcunha de "propagandístico", isso

aparece através do viajante Bob Wells, que, desde 2015, possui um canal no YouTube onde estimula as pessoas a deambularem pelo País, a fim de libertarem-se tangencialmente da "submissão à lógica dos dólares", conforme ele conclama numa das reuniões que são captadas no filme. Interpretando a si mesmo, Bob Wells chora ao lembrar do suicídio de seu filho e explica a Fern como isso serviu-lhe de estímulo para o modo de vida que apregoa como essencial para descobrir um tipo de camaradagem tornada não-recomendada pelo Capitalismo. Nesse estilo nômade de vida, exorta-se a prática do desapego material – ou melhor, um apego meramente temporário, coadunado à extrema usabilidade dos instrumentos – e a consciência de que as pessoas não despedem-se definitivamente: mais cedo ou mais tarde, todo mundo se reencontra. Por isso, em vez de "adeus", deveríamos dizer "*te vejo mais à frente, na estrada*".

Nas reuniões promovidas por Bob Wells, informações importantíssimas são transmitidas a quem quiser viver como Fern: dicas sobre aquisição de ferramentas, formas rápidas de trocar pneus e, sobretudo, estratégias para eliminação dos resíduos fisiológicos são compartilhadas entre os participantes, que, como a protagonista, sobrevivem graças a escambos amistosos e ocupações empregatícias sazonais. Neste sentido, quando a irmã da protagonista comenta que "*o nomadismo é uma tradição norte-americana, tal como, antes, acontecia com os pioneiros*", o roteiro faz questão de reiterar isso de maneira tão didática quanto acolhedora. É um propagandismo benfazejo, portanto.

Magistralmente fotografado por Joshua James Richards – colaborador freqüente da diretora –, "Nomadland" revela-se tecnicamente irrepreensível, inclusive na maneira como a montagem conjuga planos longos em seqüências curtas, que dotam de dinamismo a ausência de trama, no sentido lato do termo. Ao invés de cumprir a fórmula S-A-S' [Situação – Ação – Situação Transformada, que o filósofo Gilles Deleuze (1925-1995) atribuía à maior parte do cinema hollywoodiano], este filme prefere evidenciar as belezas do percurso, sendo mui meritórias as interações da protagonista em relação às paisagens, naturais ou de engenharia, com que se depara. Entretanto, o maior chamariz do filme é o seu aspecto eminentemente *humano*, sua declaração de amor às pessoas comuns, aspecto que surge como traço autoral na ainda curta mas assaz delicada filmografia da cineasta.

Aguardemos os projetos vindouros Chloé Zhao, portanto: seus filmes crescem bastante nas revisões. Afinal, *revivemos* através deles – não apenas por identificarmo-nos com seus personagens, mas por compreendermos o quão importante é a noção de alteridade. Em

especial num país que carrega em seu nome o adjetivo “unidos”, mas que pratica racismo, xenofobia e outros preconceitos à revelia de sua própria Constituição inclusiva!

Wesley Pereira de Castro.